



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2013: IX SALÃO DE ENSINO
<b>Ano</b>	2013
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	A sociedade mudou. E a escola? Reflexão sobre a relação aluno-escola desde o olhar do professor.
<b>Autor</b>	JULIANO MOLLER RODRIGUES
<b>Orientador</b>	DORIS MARIA LUZZARDI FISS

O presente estudo resulta de trabalho desenvolvido na Disciplina *Educação Contemporânea: currículo, didática, planejamento*, no primeiro semestre de 2013, a respeito das funções e significados da escola. Ele visa fazer uma reflexão sobre a complexa trama de relações estabelecidas entre os alunos e o espaço escolar, através de uma análise do discurso docente sobre a escola, seu papel, seus agentes e os desafios contemporâneos endereçados a eles. Para a realização desta pesquisa quanti-qualitativa, que se estabeleceu a partir de entrevista dirigida a 66 professores da rede pública e privada de Porto Alegre e Região Metropolitana, foram analisadas 132 respostas divididas em categorias segundo procedimentos sugeridos por Laurence Bardin (2009), em sua *Análise de Conteúdo* temática categorial, e conforme similaridades identificadas nas respostas dadas pelos professores. Esta opção metodológica procurou, também, auxiliar na compreensão dos dados, buscando relacioná-los com algumas concepções de Juarez Dayrell (2001), Geraldo Leão (2011) e Boaventura de Sousa Santos (1988) abordadas ao longo do semestre letivo.

As respostas dadas à questão “Na tua opinião, por que o aluno vai para a escola?” foram divididas em 3 (três) categorias: obrigação, socialização e conhecimento. E as respostas produzidas a partir das questões “O que faz com que teu aluno aprenda? Quais as práticas e saberes que causam interesse? E ele aprende? De que forma?” foram organizadas em 4 (quatro) categorias: desejo e vontade do aluno/afinidade com a disciplina; aproximação do conteúdo à realidade do aluno; método; e vínculo professor/aluno. Cabe frisar que uma mesma resposta pode conter elementos que se encaixam em uma ou mais categorias.

Como resultado da pesquisa, especificamente no que tange à primeira questão, identificamos professores que enxergam o aluno como um sujeito passivo que é analisado de forma simplista e dualista, considerando dois grupos apenas – os que se interessam por aprender e os desinteressados. Estes últimos, tratando-se de ampla maioria. As respostas referiram majoritariamente que o aluno vai à escola apenas por obrigação: 47 de 66 respostas. Os motivos de o aluno ir obrigado à escola perpassam por fatores sociais, políticos e econômicos que vão desde a busca por uma perspectiva de vida e futuro melhor até motivos básicos como lazer, alimentação e carinho. Para as questões seguintes, foram encontradas 23 (vinte e três) respostas que colocam o desejo, a vontade do aluno e sua afinidade com a disciplina como fatores primordiais para o aprendizado. Neste caso, os professores adotam argumentos segundo os quais, para o aluno aprender, é necessário vontade, motivação, curiosidade, interesse e desejo. Soma-se a tais elementos a necessidade de que os assuntos abordados em aula façam sentido para os estudantes. Muitos responderam mencionando a importância de aproximar o conteúdo à realidade dos alunos. Das 66 respostas, 19 foram nesse sentido.

A partir dos resultados encontrados, podemos constatar que a ampla maioria dos professores reconhece um sentido de necessidade de socialização e melhoria de condições de vida na relação que se estabelece entre a escola e os alunos. Estes não têm interesse em habitar o espaço escolar visando apenas a um aprender conteudista e programático, ou seja, não estão na escola apenas pelo conhecimento, mas também para se socializar e atingir objetivos associados, muitas vezes, às urgências da vida. Existe, portanto, uma real necessidade de se desconstruir a ideia de aluno passivo, destituído de identidades culturais e projetos de vida (LEÃO, 2011; DAYRELL, 2001). A compreensão do aluno como sujeito agente, jovem ativo nos seus múltiplos espaços de vida, de cotidiano, de relações sociais imbricadas por uma série de valores e significados próprios, passa a ser uma contra-resposta possível ao tradicional modelo escolar. Por conseguinte, a escola, como apenas transmissora de conhecimento, sem considerar as trocas entre os alunos e disciplinadora, pode dar lugar a um espaço novo, lúdico, aberto, de socialização aceita e com possibilidade de múltiplas trocas entre os jovens e os professores. Um espaço que reavalia algumas de suas funções a partir da visão e do interesse dos alunos.

Embora o ambiente escolar seja marcado por diferentes culturas e inscrições sociais, a escola se encontra no limiar entre a identificação com práticas a partir das quais é compreendida como instituição regrada, normativa e tradicional, que pouco escuta as vozes destas culturas, e ações que a tomam como espaço plural e sociocultural no qual circulam diversos saberes, local de trocas entre os diferentes atores que a compõem. A este respeito, convém assinalar, fazendo coro a Juarez Dayrell (2001), que compreender a escola como espaço sociocultural significa entendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais profundo, levando em conta todo o dinamismo do fazer-se cotidiano, levado a efeito por seus diversos agentes, homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, indígenas e quilombolas, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Em suma, analisar a escola atual também passa pela compreensão do fenômeno da expansão da escolarização. Diferentes tipos de indivíduos passaram a habitar o espaço escolar. Trabalhadores, negros, pobres, indígenas, que antes frequentavam por pouco tempo ou nem frequentavam a escola, agora se fazem presentes por mais tempo. A complexidade aumenta, assim como os desafios para a docência. A diversidade aflora no espaço escolar, múltiplas vozes e culturas passam a circular nele, e o dinamismo na relação professor-aluno é tensionado no sentido de não mais reproduzir um modelo baseado num paradigma dominante, hierárquico e disciplinar (SANTOS, 1988), investindo em práticas que compreendem a escola como um espaço sociocultural, os alunos e os professores como sujeitos socioculturais (DAYRELL, 2001; LEÃO, 2011).